

ANNA ERELLE

NA PELE DE UMA
JIHADISTA

A história real
de uma jornalista
recrutada pelo
Estado Islâmico

Tradução

DOROTHÉE DE BRUCHARD

EDUARDO BRANDÃO

B I
B I
B I
B I

Copyright © 2015 by Éditions Robert Laffont, S.A.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Dans la peau d'une djihadiste: Enquête au cœur des filières de recrutement de L'État islamique

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

FOTOS DE CAPA Guiziu Franck/ Hemis e Andrew Brookes — Corbis/Latinstock

PREPARAÇÃO Ana Cecília Agua de Melo

REVISÃO Julia Barreto e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Erelle, Anna

Na pele de uma jihadista: a história real de uma jornalista recrutada pelo Estado Islâmico / Anna Erelle; tradução Dorothée de Bruchard, Eduardo Brandão. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2015.

Título original: Dans la peau d'une djihadiste: enquête au cœur des filières de recrutement de l'État islamique.

ISBN 978-85-65530-96-5

1. Jihad 2. Jihadistas — Síria — 1990- 3. Estado Islâmico — História 4. Terrorismo — Investigação 5. Terrorismo — Islâmico I. Título.

15-02651

CDD-297.72

Índice para catálogo sistemático:

1. Jihad: Islamismo 297.72

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.editoraparela.com.br
atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

Para Éric e Noël
Para Pauline e Jérôme...

Somente por um movimento voluntário de moderação de nossas paixões, serena e aceita por nós, pode a humanidade se alçar acima da corrente materialista que aprisiona o mundo. Ainda que nos fosse poupado sermos destruídos pela guerra, nossa vida precisa mudar se não quiser perecer por sua própria culpa.

*Alexander Soljenítsin,
Ultimato por uma mudança profunda*

— Escute! Eu te amo como nunca amei ninguém. Não posso te imaginar nem mais um dia longe de mim, no meio de todo esse vício que te rodeia. Eu vou te proteger. Vou te afastar de todos os demônios do mundo. Quando vir me encontrar, você vai se encantar com este paraíso. Com este país que eu e os meus homens estamos construindo. As pessoas, aqui, se amam e se respeitam. Formamos uma única e grande família, onde já existe um lugar para você: estão todos te esperando! Você tem que ver como são felizes as mulheres aqui conosco. Elas, antes, eram iguais a você. Perdidas. A esposa de um amigo meu já pensou em toda uma programação para quando você chegar. Assim que acabarem suas aulas de tiro, ela vai te levar a uma loja muito bonita, a única no país que vende tecidos de qualidade. Vou arcar com tudo. Você vai criar um mundinho seu com suas novas amigas. Não vejo a hora de te ver chegar. Mélodie, minha mulher! Venha logo, estou te esperando.

Diante da tela do computador, Mélodie arregala os olhos. Sente admiração por aquele homem forte, dezoito anos mais velho que ela.

Nunca o viu senão via Skype, mas já o ama. Com uma vozinha fraca, ainda com inflexões de menina, Mélo die murmura:

— Você me ama mesmo?

— Eu te amo por Alá e diante de Alá. Você é minha joia, e o Estado Islâmico é sua casa. Juntos, vamos inscrever nossos nomes na história, construindo, pedra por pedra, um mundo melhor em que os infiéis, ou os *kuffar*, como chamamos, não terão direito de entrada. Encontrei para você um apartamento imenso! Se trouxer junto umas amigas, escolho outro ainda maior. De dia, você cuidará dos órfãos e dos feridos, enquanto eu estiver em combate. E à noite nos encontramos... *Inch'Allah*.

Mélo die se sente amada. Se sente útil. Ela vinha buscando um sentido para sua vida: agora encontrou.

Paris, dez dias antes

Na sexta-feira à noite, saio contrariada de uma das redações para as quais trabalho como freelancer. A carta de um advogado enviada ao jornal proíbe a publicação de meu artigo dedicado a uma jovem jihadista. Acontece que acabo de passar dois dias na Bélgica com Samira, a mãe dela. Um ano atrás, a filha fugiu para a Síria ao encontro de Tarik, o homem de sua vida, um fanático devotado à causa da organização Estado Islâmico (EI). Loucamente apaixonada, loucamente inconsciente também, Leila queria viver ao lado do seu grande amor. Samira sentiu novo alento ao saber da morte daquele que era obrigada a considerar seu genro. Uma bala certa no coração levava a melhor sobre suas 21 primaveras. Com Tarik morto, Samira não via nenhum motivo para a filha prolongar sua permanência num país tragicamente arrasado pela guerra. Leila, porém, se manteve inflexível: ela agora pertencia àquela terra sagrada e tinha a firme intenção de acrescentar sua pedra ao edifício lutando para criar um Estado religioso no Levante. Com ou sem marido. Graças a sua determinação e fé, Tarik tinha recebido o título de emir, um dos mais honrados no mundo muçulmano, então cuidavam bem de sua viúva. Tratavam-na com profundo respeito. De modo que Leila respondeu à mãe com outra pergunta:

— Por que eu deveria voltar?

A imprensa local se apoderou da história. Comparou a jovem jihadista de dezoito anos à viúva negra, alta figura do terrorismo internacional e esposa do assassino do comandante Massud, um comandante antitalibã. A resposta de Samira, proporcional ao amor que tem pela filha, não se fez esperar. Mas com isso ela se impunha um enorme desafio. Precisava não só conseguir repatriar Leila para a Bélgica, como também convencer as autoridades de que sua filha estava no país mais perigoso do mundo por razões humanitárias. Do contrário, seria vista como uma ameaça à segurança nacional e mandada para a prisão antes de ser, talvez, proibida de permanecer em sua própria pátria.

É nesse momento que meu caminho se cruza com o de Samira. O jornalismo conduz a tudo e, às vezes, ao desespero de uma mãe. Já sem saber o que fazer, Samira recorreu a Dimitri Bontinck, um ex-militar das forças especiais belgas que se tornou famoso ao conseguir repatriar da Síria o próprio filho. Dimitri encarna a esperança das tantas famílias europeias que acordaram um belo dia diante dessa brutal realidade: o jihad pode envolver um adolescente acima de qualquer suspeita, o seu próprio filho. Dimitri, desde então, hiperativo e, principalmente, hiperexaltado, tem prosseguido suas missões-suicida para salvar outros adolescentes ou, pelo menos, desencavar informações concretas que possam ajudar suas famílias. Ciente do risco que Leila corria, com sua fama de “nova viúva negra”, pediu que eu me encontrasse com a mãe dela. Sou jornalista, apaixonada por geopolítica, mas estou longe de ser uma especialista. Em compensação, sempre nutri um genuíno interesse por tudo que diz respeito a comportamentos erráticos. Pouco importa sua origem: religião, nacionalidade ou meio social; me fascina a fratura que causou a mortífera reviravolta desses destinos. Pode ter sido a droga, a delinquência, a marginalidade... Paralelamente, trabalhei muito, nos últimos anos, sobre as derivas do Islã radical. De um ano para cá, tenho examinado especialmente os hábitos de alguns jihadistas europeus do Estado Islâmico. Embora esses casos que vêm se sucedendo sejam todos muito parecidos, procuro compreender, em

cada um deles, qual o corte que os feriu tão profundamente a ponto de se apropriarem desta causa, de abandonarem tudo para ir matar e desafiar a morte.

Nessa época, Dimitri e eu estávamos trabalhando num livro que relatava seus nove meses de horror em busca do filho. Batemos à porta de muitas famílias europeias confrontadas com o mesmo calvário. Da minha parte, tratava de multiplicar as entrevistas. Embora perceba perfeitamente o impacto que a propaganda digital pode ter sobre esses novos soldados de Deus, continuo sem entender o que os leva a passar ao ato. Deixar tudo para trás? Os pais, o próprio passado? Riscar, em poucas semanas, uma vida inteira da própria vida com a convicção de que não se deve, nunca, olhar para trás. Andar pelos seus quartos, geralmente intocados por pai e mãe, às vezes me gela o sangue. Penetro numa intimidade que não é minha, nesses cômodos transformados em santuários de uma vida esquecida. Como se suas relíquias de adolescentes fossem a prova derradeira de sua existência. O de Leila parece congelado, prisioneiro de uma época pretérita. Fotos de sua vida “normal” estão espalhadas aqui e ali. Posso vê-la de blusa regata, maquiada, na casa de amigos, num café. Imagens de ingênua simplicidade, bem distantes da nova Leila de burca integral, empunhando um rifle *kalachnicov*. Depois de escutar longamente Samira, prossigo minha investigação, que confirma uma parte do que ela disse, e escrevo o artigo. Mais um, sobre um tema que tem se banalizado dramaticamente nos últimos meses. Mas não será publicado. Leila ficou furiosa quando a mãe lhe contou sobre nossa entrevista. Ameaçou cortar relações: “Se você falar de mim na imprensa, além de eu não voltar para casa você nunca mais vai ter notícias minhas. Não vai mais nem saber se eu estou viva ou morta”, relata Samira aos prantos, totalmente em pânico. Com o problema colocado nesses termos, quem sou eu para interferir? Poderia, a rigor, publicar o texto assim mesmo: o caso é público e amplamente divulgado na Bélgica. Mas de que adiantaria? Lamentavelmente, histórias como essa aparecem toda semana. Conheço a determinação desses jovens que julgam ter abraçado a fé. O dia inteiro martelam na cabeça

deles que esqueçam sua família de “incrédulos” e abram os braços para seus novos irmãos. Os “infiéis”, mesmo que se chamem pai ou mãe, aos seus olhos já não passam de simples pedras no caminho da busca.

Leila não tem culpa, acredita sinceramente estar protegendo a mãe ao ditar uma conduta para ela. Sozinha em casa, me irrita com os métodos de proselitismo empregados pelas brigadas islamitas. Procurando vídeos de Tarik vivo, encontro incontáveis filmes de propaganda no YouTube. Quando a língua empregada não é o francês ou o inglês, corto o som. Não aguento mais esses cantos que, verdade, sobem à cabeça e embrutecem. São, porém, mais suportáveis que as imagens de tortura e cadáveres abandonados no sol. Vagueio pelos meandros das redes francófonas dos mujahedins [jihadistas], sem nunca deixar de ficar pasma com o contraste entre som e imagem. Os risos juvenis que comentam imagens insustentáveis de horror só fazem aumentar o insuportável. Faz quase um ano que vejo crescer esse fenômeno. Muitos adolescentes mantêm uma segunda conta no Facebook, sob falsa identidade. Vivem de modo irrepreensível à vista da família, mas, uma vez a sós em seus quartos, alçam voo nesse outro mundo virtual, que agora é o seu, e que confundem com o real. Alguns, sem se dar conta do alcance e da gravidade das mensagens que passam adiante, conclamam ao assassinato. Outros incitam ao jihad. As garotas partilham muitos links sobre as crianças de Gaza, expondo em especial o sofrimento dos pequeninos. Os pseudônimos por trás dos quais se escondem começam todos por *Umm*, “mamãe” em árabe.

As redes sociais guardam preciosas informações, se soubermos onde buscá-las. Com esse objetivo, e a exemplo de muitos jornalistas, mantenho uma conta fictícia, criada anos atrás. Uso-a para observar alguns fenômenos da atualidade. Comunico-me, em geral, bem pouco, ou bem brevemente pelo menos, com a centena de “amigos” virtuais, um punhado em cada canto do mundo, que compõem a minha lista. Nessa conta alternativa, sou Mélodie. Os que têm acesso à minha pá-

gina tampouco se apresentam com sua real identidade. E é esse avatar que, enquanto se julgam no anonimato, revela muitas coisas sobre os hábitos e a atração crescente desses jovens pela propaganda islamita. Durante horas a fio, observo a facilidade com que expressam pública e livremente seus projetos macabros, ou apenas delirantes. Isso tudo contribui, é claro, para alimentar o proselitismo. Felizmente, nem todo adolescente que conclama ao crime é um futuro assassino. O jihad 2.0, para alguns, não passa de modismo. Para outros, no entanto, constitui a primeira etapa de sua radicalização.

Ruminando minha frustração por não poder publicar meu artigo sobre a história de Leila e Samira, passo essa noite de sexta-feira de abril jogada no sofá, zapeando de conta em conta. De repente eu me vejo grudada no vídeo de um jihadista francês de uns 35 anos de idade. Parece tiração de sarro. Sorrio sabendo que deveria chorar. Não estou nada orgulhosa de mim mesma, mas tenho que ver a cena: um absurdo. O tal Abu Bilel, em traje militar, realiza para seus fãs o “inventário” de seu 4×4 . Afirma estar na Síria. O cenário em volta dele, um autêntico *no man's land*, tende a confirmar isso. Empunha orgulhosamente seu radinho px dos anos 1970. Serve para ele se comunicar com outros combatentes quando falha o sinal telefônico. Mesmo que, na prática, o rádio mais chie do que transmita. Na parte traseira do veículo está seu colete antibalas, lado a lado com uma de suas pistolas-metralhadoras, uma Uzi, arma histórica do Exército israelense. Ele então exhibe as outras armas, uma a uma, entre elas “uma M16 roubada de um marine no Iraque”... Caio na gargalhada. Vou descobrir, mais tarde, que isso é totalmente plausível. E também vou perceber que Abu Bilel não é tão bobo como parece. E, principalmente, que já multiplicou jihads mundo afora nos últimos quinze anos. Mas ainda não chegamos lá. Por enquanto, o beligerante prossegue sua demonstração, desvendando orgulhosamente o conteúdo de seu porta-luvas. Um espesso maço de libras sírias, munição e uma faca. Por fim, tira os óculos Ray-Ban espelhados, revelando

uns olhos negros delineados com um risco escuro de lápis. Sei que é uma técnica da guerra afegã para evitar chorar com a fumaça. Ainda assim, um terrorista maquiado como eu às vezes estou é, no mínimo, surpreendente, para não dizer outra coisa. Abu Bilel fala um francês perfeito, com um levíssimo sotaque que suponho ser argelino. Ostenta um largo sorriso e uma expressão de contentamento e plenitude quando conclama a todos que se juntem a ele para efetuar sua hégira, ou, em outras palavras, o abandono de sua terra para um país islamita.

Compartilho o vídeo. Sou muito discreta nesse perfil, mas, às vezes, tenho de imitar meus semelhantes virtuais para poder ocupar um espaço em seu mundo. Não levanto nenhuma bandeira. Não incito. Limito-me a publicar, vez ou outra, links de artigos relatando as investidas do Exército de Bashar al-Assad, ou vídeos como este. Minha foto de perfil é uma imagem animada da princesa Jasmine do filme da Disney. Na capa, baixei um slogan de propaganda que circula em todo lugar: “Como fizeste, assim te será feito”. A cidade onde moro muda — se necessário — ao sabor de minhas reportagens. No momento, é Toulouse. É verdade que muitas reportagens me levaram para lá nos últimos cinco anos. A começar pelo caso Mohammed Merah, em 2012. O bairro Cité des Izards, na periferia nordeste da cidade, é uma mina inesgotável de informações. Além de ser um dos bairros onde viveu Merah, é um ponto estratégico do tráfico de maconha.

No momento, porém, estou em Paris, de mãos abanando. Perdendo a esperança de achar uma maneira mais aprofundada de abordar esses casos de partida para a Síria. Desconfio que o leitor esteja saturado de tantas informações, tantos casos tão tristemente parecidos. Além disso, o pesadelo em que se encontra o país torna as coisas difíceis de analisar. Toda semana, com meus redatores-chefes, consideramos diferentes ângulos. Sempre chegamos à mesma constatação: tanto faz a origem do candidato ao jihad, seu meio social, sua religião, seu ambiente familiar. É quando mais um fracasso ou infelicidade faz transbordar o copo que

ele se volta para a religião, se radicaliza e parte afinal para a Síria, decidido a integrar uma das tantas brigadas islamitas que proliferam por lá. Mas aí é que está: de tanto me debruçar sobre esses temas, acabei me envolvendo com algumas famílias, com a história de seus filhos que não conheço e que provavelmente nunca vou conhecer. Sem falar nos “adolescentes” com os quais tive contato ao longo das reportagens. Hoje, quando acontece de revê-los, eles confessam que queriam ir para lá. “Para lá”? Mas o que é que tem lá para vocês, digo e repito, além de matar e virar bucha de canhão? E ouço sempre a mesma resposta: “Anna, você não entende. Você pensa com a cabeça, e a gente, com o coração...”. Uso todas as minhas armas. Tento comparações arriscadas sobre a História que se repete. A Alemanha, país tão rico em cultura, caída nas mãos de Hitler no século passado. E a explicação simplista e maniqueísta do mundo oferecida pelo prisma do comunismo. Enfim, nos anos 1970, uma geração de intelectuais pregando ferozmente o pensamento de Mao, declarando que todas as verdades emanavam do *Livrinho vermelho*. Porém, sejam quais forem as referências que evoco, zombam de mim delicadamente do outro lado do computador, explicando que verde e vermelho são cores bem diferentes. Só que eu não me referia ao Corão, que nada tem a ver com a ideologia fanática.

Ser jornalista em 2014 já não tem o menor prestígio para a opinião pública. Quando, ainda por cima, a nossa preferência vai para o “societal”, é porque realmente amamos esta profissão. Se eu ao menos achasse um jeito de abordar esse assunto fugindo do formato da sucessão de casos similares... Queria entender as motivações todas desse “jihad virtual”, fazendo uma investigação longa o bastante para chegar às raízes desse mal que vem corroendo um número cada vez maior de famílias, quaisquer que sejam suas origens religiosas. Analisar a fundo, aqui, a forma como garotos se deixam cair na armadilha dessa propaganda, e lá, as angústias que habitam esses soldados prontos a torturar, roubar, estuprar, matar e morrer durante o dia e, à noite, grudados nos computadores, a se gabar de suas “façanhas” com a maturidade de adolescentes pré-púberes empanturrados de videogames.

*

Estou neste ponto de meus questionamentos, entre desânimo e recusa de desistir, quando meu computador me avisa que “Mélodie” recebeu três mensagens pessoais consecutivas de um tal... Abu Bilel. Situação surreal. São 22 horas de uma sexta-feira de primavera, estou sentada no sofá do meu quarto e sala parisiense e, enquanto me pergunto como prosseguir nas minhas investigações sobre o tema, eis que me escreve um terrorista francês localizado na Síria. As palavras me faltam. Minha única certeza, nesse momento, é que não era assim que eu imaginava começar meu fim de semana.